

# A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 49 — VOL. III.

Sabbado 14 de Maio de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

## Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — O monte S. Miguel — Esboço sobre a litteratura ingleza, continuação — A igreja de Santa Maria de Tavira — Milton — Berlin — Contos populares da Irlanda, continuação — Memorias do coração, continuação — Sequizeses. — GRAVURAS: — O monte S. Miguel — A igreja de Santa Maria de Tavira, vista do nascente, e do poente — Berlin

## Historia da actualidade.

Quarta feira, 11 do corrente, teve lugar, na real capella de Nossa Senhora das Necessidades, o regio consorcio da senhora infanta D. Maria Anna, com o principe Jorge de Saxonia. As tropas formaram no largo da Estrella, e finda a cerimonia desfilaram em continencia pelo paço das Necessidades.

— Sua magestade imperial a senhora duqueza de Bragança offereceu á augusta noiva um toucador todo de prata, de subido preço, e um broche de brilhantes, avaliado em doze contos de réis.

— Sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v, brindou por esta occasião a serenissima infanta sua irmã, com um adereço de brilhantes, feito nas officinas do falecido ourives Raymundo José Pinto.

— El-rei o senhor D. Fernando offerrou á regia infanta sua filha, além de outras riquissimas prendas, um lenço de assoar, estimado no valor de um conto de réis.

— A senhora infanta D. Isabel Maria mimoseou a augusta noiva com um inestimavel collar de perolas.

— O dote da infanta a senhora D. Maria Anna, é de noventa contos em dinheiro, e trinta para enxoval. A legitima que lhe pertence por parte de sua mãe, a rainha a senhora D. Maria II, é superior a cento e oitenta contos de réis.

— Em quanto a roupas, leva a joven infanta seis dúzias de cada genero e especie. Avultam entre estas pe-

ças custosos chales de cachemira, vindos de Londres avaliados em quatrocentas libras cada um.

— O theatro das *Varietades*, em regosijo d'este feliz consorcio, deu uma recita gratuita no dia 12 da corrente semana, endereçando a el-rei o senhor D. Fernando os bilhetes de platêa e camarotes para sua magestade os mandar distribuir a seu grado.

— O principe Jorge saiu do palacio de Belem, onde estava alojado, para o paço das Necessidades, onde teve lugar a celebração do consorcio, n'um dos antigos coches da casa real. Em outros tres coches seguia a comitiva do principe. A guarda de honra foi commandada pelo senhor infante D. João.

— Por este motivo houve no paço, no dia 12, um jantar de sessenta thalheres, enviando-se os cartões de convite unicamente a pessoas do corpo diplomatico.

— Prepara-se entre varias damas e cavalheiros da melhor sociedade de Lisboa um passeio pelo Tejo em qualquer das noites da proxima semana,

em um grande barco para esse fim preparado, e illuminado, e ahí terá lugar um concerto de curiosos, baile, e ceia.

— Ha dias foi um sapateiro a casa de uma freguezia na rua do Arco do Bandeira levar-lhe umas botinhas, e concluiu por dar-lhe duas facadas, achando-se a victima em perigo de vida.

— Parece certo que finalmente se apresentou agora uma nova proposta para tomar a empresa do theatro de S. Carlos, unicamente pelo subsidio estabelecido, obrigando-se mais o empresario a contractar a escriptura da companhia com o empresario do theatro de Londres.

— Debutou no theatro das *Varietades* o actor Brandão, que pertenceu ao de D. Maria II, e teve no fim da peça uma chamada especial ao proscenio.

— O principe de Galles, que se achava em Roma, foi chamado telegraphicamente a Inglaterra, e no dia 7 do corrente chegou a Cadiz.

— Os austriacos, segundo os despachos telegraphicos, foram repellidos no ataque da ponte de Casale. Fortificavam-se em Sesia, junto a Vercelli.

— O posterior despacho dizia que elles tinham saído precipitadamente de Livarria, Trouzano, Santia, Vercelli e mais terras que occupavam, ignorando-se a causa d'esta repentina retirada.

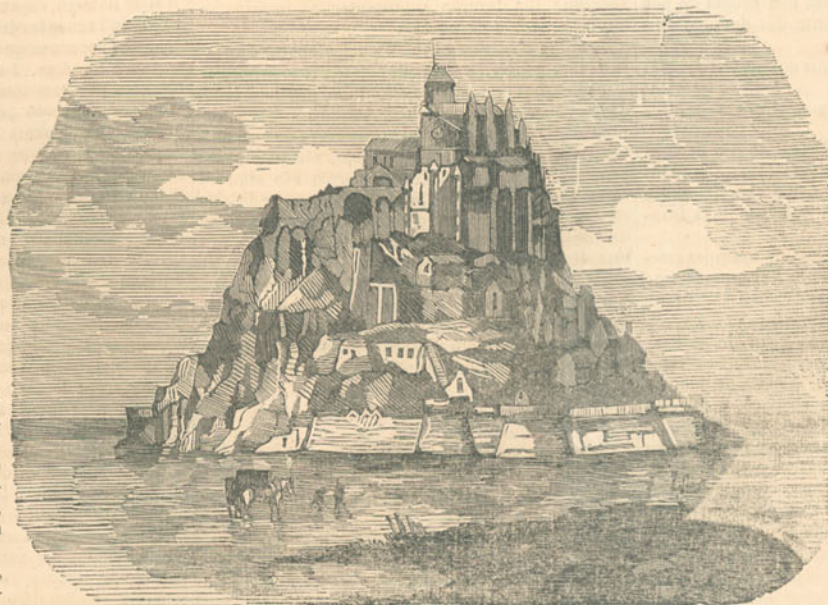
— A artilharia e cavallaria franceza tinham chegado a Nice.

— O imperador dos francezes partiu da sua capital no dia 10 do corrente pelas 6 horas da tarde. Embarcou no dia 11 em Marsella para Genova.

— O general Vaillant foi nomeado commandante em chefe do exercito de Italia.

— Houve modificação ministerial em Franca, ficando o duque de Padua encarregado da pasta do interior; mr. Delangle das justias; e o general Randon da guerra.

— Esperava-se que chegando o imperador dos fran-



O monte S. Miguel.

## O monte S. Miguel.

cezes a Turim, logo os aliados tomassem a offensiva.

— Na fronteira da Toscana acham-se reunidos quinze mil austriacos.

— Compreendeu-se em Vienna, que os cento e vinte mil homens que passaram o Tessino são insufficientes para arriscar uma batalha, e por isso se expediu ordem para immediatamente transpor o mesmo rio outro corpo de cincoenta mil homens que estava concentrado nas immedições de Pavia.

— Tropas da Bohemia e da Hungria deviam ser transportadas no dia 6 do corrente pelo caminho do ferro do sul para a Lombardia.

— Nos corpos de voluntarios viennenses accetam-se os individuos aptos para o serviço desde quinze até trinta e seis annos.

— A imperatriz Eugénia foi nomeada regente de França na ausencia do imperador, devendo auxiliar-se dos conselhos do principe Jeronymo nas deliberações que tomar.

— O general Giulay declarou Placenza em estado de sitio, e impoz em Novara uma contribuição de guerra.

— Já começaram em Londres as quebras. N'estes últimos dias falliram quarenta e cinco casas, entrando n'este numero dezoito das principaes da City. Também em Paris as casas industriaes e commerciaes estão abatidas pelo peso da situação, pois se não encontra dinheiro, e os capitalistas escondem-se.

— Na republica do Equador houve um tremor de terra em que morreram muitas pessoas. Em Quito e Guayaquil foram horrorosos os estragos.

— A Toscana offereceu o seu apoio á Sardenha. O rei de Naples declarou-se neutral.

— Em a nossa camara dos deputados foi approvedo o projecto da reforma da secretaria do reino.

— As forças francezas, que á data das ultimas noticias recebidas pelas gazetas estrangeiras já estavam no Piemonte, subiam a cento e dez mil homens. Mais regimentos continuavam a marchar para o mesmo destino.

— Em Parma, onde o exercito tinha feito uma revolução, operou-se um movimento em sentido contrario, sendo restabelecida a autoridade da duqueza regente, a qual acaba de ahí entrar triumphantemente.

— Diz o *Bombay Times* que grassa uma epidemia no exercito inglez da India.

— Se é exacta a noticia que dão os jornaes inglezes de ter sido capturado o chefe Tantia-Toppe pelo coronel Mead, e Tantia-Feroze e Rab-Sahib pelo coronel Salis-Rich, pode assegurar-se então que a insurreição toca o seu fim.

— De Roma teem saído grandes partidas de voluntarios para o Piemonte.

— O governo dinamarquez deu ordem de pôr em pé de guerra o contingente dos ducados alemães.

— Chegaram a Ancona seis mil austriacos com provisões para seis mezes.

— A Porta chamou ás armas cincoenta mil redifs.

— O duque de Malakoff substituiu o general Canrobert no commando de Nancy, para que todas as guarnições de leste formem um exercito sob o commando do duque, para o caso em que a fronteira seja atacada.

— Naufragou perto de Woxford o clipper americano *Pomona*, levando a bordo trezentos setenta e cinco passageiros, e cincoenta e dois homens de tripulação. Apenas se salvaram vinte pessoas!

— Na sexta feira teve logar a parada na Praça do Commercio, com que se encerraram os festejos do consorcio de sua alteza. Esteve brilhantissima. A noite houve recepção no paço, e foi este acto muito concorrido.

— Sabbatho, 14, embarcaram na *Bartholomeu Dias* suas altezas o principe Jorge, e sua augusta esposa a senhora D. Maria Anna, seguindo destino para Saxonia, nova patria da princeza, que, nascida nas amenas margens do Tejo, aqui deixou corações que a estremeceem.

Se as casas fossem de cristal, seriam mais puros os costumes das familias.

Lá ao fundo do golpho de Saint-Malo ergue-se o afamado monte S. Miguel, que pela singular posição ganhou grande celebridade. Na enchente da maré fica cercado pelo mar, e forma então uma ilha escarpada; na baixa-mar descobre-se a praia, e faz parte do continente. É muito visitado pelos turistas. A nossa estampa dispensa a descripção das fadigas a que se arrisca o viajante para chegar ao cabo d'esta difficilissima ascensão.

O monte é coroado por um velho e antigo monumento, que n'outros tempos foi mosteiro, e depois tambem por muitos annos convertido em prisão de estado. Descansa elle sobre enorme massa de granito, é circundado de arcadas que se elevam com torres de graciosa architectura. Ha ahí uma capella que é a cupula do edificio, e tem sobreposta uma torre quadrada, onde houve já um telegrapho pelo antigo systema.

Uma unica rua, estreita e escarpada, conduz á escadaria tortuosa e quasi a prumo, que vae dar á porta da prisão. Os quartos são assobrados, e bem esclarecidos. É provavel que as cellas de outro tempo sejam as prisões de hoje. É de lindo effeito este monumento, pois que são delicadamente cinzeladas as suas columnas e abobadas, enfeitadas com graciosos arabescos, e cornijas de excellente gosto. Portanto o claustro não abdicou ainda ali o seu ar mystico; e tanto a imaginação se transporta a esses tempos e gerações que por ahí passaram, que ao viajante se figura ver ainda os monges atravessando silenciosamente aquellas arcadas. O presente desvanecese pois n'esta contemplação, e o visitante vae involuntariamente retrocedendo muitos seculos até encontrar essas eras dos seus primeiros habitantes.

Atravessa-se por muitos corredores até se chegar a uma vasta egreja, cujo côro está separado da nave por uma grade. É bella a sua architectura, e varias irregularidades que hoje se lhe notam, devem attribuir-se de certo ás devastações do tempo, e necessidades administrativas para adequar o edificio ao moderno destino que lhe deram.

Entre as curiosidades d'este edificio é de certo a primeira um salão espaçoso, escuro, e frio, que sem duvida assistiu a muitos dramas horriveis, e escutou milhares de gritos desoladores. Era a prisão da fome. Diz-se que faziam descer a ella os condemnados por um buraco, que ainda hoje existe no cimo da abobada. Esta sala serve agora de açougue á prisão; e n'ella se guardam tambem as provisões que os presos içam por via d'uma roldana.

A cupula do edificio é formada por magnifico terrapço, d'onde se descobre um excellente panorama; e o viajante de certo hade ficar maravilhado d'aquelle ponto de vista, depois de ter examinado prisões que lho deverão representar na imaginação terriveis scenas de horror.

A aldeia d'este monte S. Miguel ufana-se de possuir uma *mairie*, escola de instrução primaria, e muitos dos privilegios concedidos somente ás cidades. Duas hospedarias bem mobiladas, e com optimo serviço se disputam os viajantes, especialmente os inglezes que, como é sabido, são de generosa opulencia. As outras casas porém são simples como convem a pobres pescadores, sempre descalços, e que tem em reserva os tumbancos só para os dias solemnes e de festa. O autor d'onde tomamos esta descripção, termina assim o seu quadro: «O interior d'estas habitações é bem pouco aceiado: o peixe destinado á sustentação; as creanças vestidas de andrajos; os cães, e animaes parasitas, formam um conjunto repugnante. N'uma palavra, é aqui que se podem estudar os costumes dos esquiuitas.»

## Esboço sobre a litteratura Ingleza.

Continuação.

EDMUND SPENSER.

Descendente da mui nobre e antiga familia dos Spensers, Edmund nasceu em East Smithfield, Londres, no anno de 1553. Em 1569 matriculou-se em

(1) Do num 17.

Cambridge, formando-se bacharel a 16 de Janeiro de 1573, e *artum magister* a 26 de Junho de 1576. Começou a cultivar na universidade a amizade de Hawey, talentoso poeta.

Foi obrigado por circunstancias a aceitar o logar de pedagogo n'uma casa no norte d'Inglaterra.

Geralmente são as paixões amorosas, que impellem o poeta a dar largas ao espirito na lyra, desabafando em saudosos queixumes. Spenser lastimava-se amargamente, em varias poesias, escriptas durante a sua residencia no norte, da crueldade de uma amante, que, votando-o ao despreso, acariciava o seu ditoso rival.

Cicatrisado d'essa ferida, em 1578 passou a Londres, onde foi apresentado a sir Philip Sidney, que o recommendou á protecção de seu tio o *Earl de Leicester*. Sobre a introdução com sir Philip narra-se uma chistosa anecdota. Havia pouco que Spenser concluiu o nono canto do *Fuérie Queen*, onde traça o desespero de uma maneira sublime; certa manhã apresenta-se á porta do seu futuro protector, pede para ser admittido, e soffre uma recusa; com todo o sangue frio puxa do poema e envia-o a Sidney; este recebe-o, lê algumas estancias, e, maravilhado da producção, chama o criado, e ordena-lhe que dê ao autor cincoenta libras. Tudo isto foi obra de um momento. O criado, perplexo e estupefacto, julgou que o amo enlouquecera. Mas quanto mais Sidney lia, mais se extasiava e continuava mandando acrescentar a somma. Ao chegar a duzentas libras, parou, pedindo ao criado por favor que fosse immediatamente entregar aquelle dinheiro, aliás, proseguindo na leitura, chegaria a dar-lhe todos os seus bens.

Spenser ganhou tal influencia na côrte, que em Julho de 1580, foi nomeado secretario do lord tenente da Irlanda. Fez serviços de grande utilidade ao estado, observando os costumes pouco civilisados dos irlandezes, e estudando a maneira de propagar a cultura do fertil solo que habitavam. Escreveu um pamphleto intitulado *Vista sobre o estado da Irlanda*, apresentando o manuscrito em 1596 á rainha Isabel. Em 1582, pela exoneração do lord tenente, deixou Spenser de ser secretario. A rogos d'aquelle, allegando os bons serviços feitos, obteve o poeta em 1586 uma mercê regia de tres mil e vinte oitenta e quatro acres (44635520 varas quadradas) de terreno em Cork, propriedades confiscadas pela corôa ao Earl de Desmond. Um dos principaes influentes para alcançar este favor foi o seu antigo amigo Sidney, com a morte do qual, n'esse mesmo anno, experimentou o poeta uma grande falta. Tomou posse da sua nova propriedade, instalando-se no romantico e pittoresco castello de Kilcoman, onde continuou o poema *Fuérie Queen*.

Em 1589 veio a Inglaterra com o celebre sir Walter Raleigh, cuja amizade grangeara. Em 1599, voltando ás suas herdades, apaixonou-se por uma joven, de obscura origem, com quem casou. Em 1596 voltou a Londres. Julgam alguns escriptores que obtivera por este tempo a honra e o titulo de *poeta laureado* conferido por Isabel, juntamente com a pensão de cincoenta libras. Parece que a rainha desejava protegê-lo; mas dando ouvidos aos maldizentes, não poz em pratica esse desejo. Começava a correr a fama de um tal genio; Spenser estava no cume da gloria; as publicações das suas obras succediam-se rapidamente; o publico instruido, tributava-lhe (coisa rara) honra ao nome durante a vida. Sem desperdiçar o talento com que a natureza o dotara, passava de quando em quando a Londres para mimosear os compatriotas com alguma nova producção. Publicou em 1593 a linda pastoril *Colin Clouts come home again*, (*Colin Clouts volta de novo a casa*) e com esta a elegia *Astrophel*, dedicada á memoria de Sidney.

Em 1597, estando na Irlanda, recebeu uma carta de Isabel, datada de 30 de Outubro de 1596, elevando-o a *sheriff* de Cork. Em Outubro do mesmo anno succedeu o levantamento de Tyrone, em que nada pôpava a furia da população; o sangue corria a jorros, os incendios alumiaavam esta devastação, e Spenser e a familia fugiram, deixando manuscritos, alfayas, etc., o que pra objecto de pouco valor, comparando-o com a dor que o pae sentira pelo assassinato de um dos filhos, que com a precipitação esquecera em casa.

Resultou-lhe ao chegar á patria, que com os braços abertos o acolhia, uma melancolia tão profunda que pouco tempo viveu, entregando a alma a Deus em Janeiro de 1599, na idade de quarenta e seis annos. Foi sepultado na abbada de Westminster, onde descansa ao pé de Chaucer. Trinta annos depois, a condessa de Dorset erigiu-lhe um simples monumento.

Escreveu, afóra as produções que mencionámos, o seguinte:

*Shepard's calender*, 1579 (O calendario do pastor). — *Faerie Queen* (A rainha das fadas): só conhecemos d'este magnifico poema, constantemente citado por autores modernos pela pureza e elegancia da linguagem, seis livros, perdendo-se os restantes no infeliz successo de Tyronne. — Dois cantos incompletos do *Mutabilite*, e parte da lenda de Constança. — *Complaints containing sundrie small poems of the world's vanitie*; viz 1.º *The ruins of time*; 2.º *The teares of the muses*; 3.º *Virgil's gnat*; 4.º *Prosopopoeia, or mother Hubbard's tale*; 5.º *The ruins of Rome by Bellay*; 6.º *Minoptmos or the tale of the butterfly*; 7.º *Visions of the world's vanitie*; 8.º *Bellay's visions*; 9.º *Petrarch's visions* (Queixumes contendo varios poemas da vaidade do mundo, a saber: 1.º As ruinas do tempo; 2.º As lagrimas das musas; 3.º O mosquito de Virgilio; 4.º Prosopopoeia; 5.º As ruinas de Roma por Bellay; 6.º Minoptmos ou a historia de uma borboleta; 7.º Visões da vaidade do mundo; 8.º Visões de Bellay; 9.º Visões de Petrarca). — *Amoretti* ou sonetos. — *Epithalamion Tameris*. — *The four hymns on love and beauty* (Os quatro hymnos sobre amor e belleza). — Tradução de ecclesiasticos. — Tradução do canto dos cantos. — *The dying pelican* (O pelicano moribundo). — *The hours of our Lord* (As horas de nosso Senhor). — *The sacrifice of a sinner* (O sacrificio de um peccador). — *The seven psalms* (Os sete psalms). — *Dreams* (Sonhos). — *The english poet* (O poeta inglez). — *Legends* (Lendas). — *The court of Cupid* (A corte de Cupido). — *The hell of lovers* (O inferno dos amantes). — *Purgatory* (Purgatorio). — *A se'nnight slumber* (O adormecimento de sete noites). — *Pageants* (Tropheos, justas ou brincos pelos pagens). — Nove comedias. *Sterumata Dudleiana*. — *Hymn of heavenly beauty* (Hymno da belleza celeste).

Não é possível encontrar-se quem possa passar além de Spenser.

A descripção do Ente Supremo foi magistralmente feita por Spenser. N'essa descripção parece mais que a sua lyra fosse bafejada pelas azas dos proprios anjos do que dedilhada por dedos humanos. Embora a linguagem seja de homem, aspirou o sópro dos cherubins, interpretou, na singeleza da phrase, na oração persuasiva, o brilho celestial nas suas mais radiantes formas.

No lugar onde descreve as feições do Ente Supremo, a sua refulgencia, não podendo ser encarado pelos proprios habitadores do ceo, fazendo offuscar o sol e a lua a minima faísca que d'Elle procede... é sublime; enebria-se o leitor com os pensamentos do poeta, e este, dando azas ao espirito, n'um canto magestoso, deixa as scenas mundanas, e eleva-se com fervor d'alma á delineação, feita com traços ligeiros mas magnificos, do poder d'esse Creator.

A outra produção de Spenser é o *Faerie Queen*. Pinta ahi com tal graça e naturalidade, que se julga realmente que as personagens fallam, que se ouve o riso alegre e ligeiro de uma donzella, o soffocar de um suspiro; vemos passar pela face as diversas paixões que agitam o coração, somos transportados como por magia a esses logares encantadores onde as felicidades são duradouras, as enoixas do rouxinol permanentes; onde as arvores vegetam sem precisarem do braço humano, e as boninas se ostentam perennemente floridas. A illusão só se desvanece ao fechar o livro, porque o poeta prende a attenção sem cansar o leitor.

Spenser é o poeta dos lagos e das flores; povoou estes dominios com os filhos da phantasia: em vão os procuramos entre as turbas do campo, ou da cidade, não os encontramos... Afugentados pelas roucas lyras que por ahi se dedilham, procuraram a solidão n'alguuma gruta de verde bosque, onde de certo tecem ao immortal cantor uma corôa de

loiro, que não murchará em quanto houver poesia no mundo.

Continua.

P. E. PAYANT.

**A igreja de Santa Maria de Tavira.**

A antiga *Balsa* dos romanos, ora destruida, ora reedificada; a seu turno idolatra, christã, musulmana, e outra vez convertida ao christianismo em baptismo de sangue por D. Paio Peres Corrêa, que a tomou aos mouros em 1212; reconstruida e novamente povoada por D. Affonso III; elevada á cathedra de cidade por el-rei D. Manuel, é hoje a cidade de Tavira, situada sobre a costa do Algarve, quatro leguas distante da foz do Guadiana.

A sua matriz é a igreja de Santa Maria, que se vê representada por dois lados diversos nas duas estampas, que vão n'este numero.

É um templo de tres naves, bem decorado interiormente. Da antiga fabrica só conserva a capella-mór, que é de boa architectura, e parte da frontaria principal. O cruzeiro, corpo da igreja, e parte da frente, foram reedificados em tempos modernos.

Faz-se n'este templo uma grande funcção todos os annos, em 11 de Junho, em commemoração e agradecimento pela restauração da cidade, que n'esse dia trocou o crescente musulmano pelo sagrado emblema da Redempção.

A igreja de Santa Maria era a principal mesquita dos mouros, a qual o mestre de Santiago, D. Paio Peres Corrêa, fez purificar, apenas tomou a cidade, consagrando-a á Virgem. Como esta victoria foi ganha em dia do apostolo S. Barnabé, ordenou tambem que se lhe erguisse um altar do lado da epistola. Nas diversas reedificações, que tem tido este edificio, perderam-se de todo, ou quasi de todo, os vestigios da mesquita. Porém segundo diz a tradição, o painel de S. Barnabé, que forma o retabolo d'aquelle altar, é o mesmo que ali collocou o conquistador de Tavira.

Descansa o dito retabolo sobre uma arca ou cofre de pedra, que encerra os corpos de sete martyres, seis dos quaes eram cavalleiros de Santiago, que deram a vida pela fe poucos momentos antes, que a cidade fosse acommettida e entrada pelos christãos. Foi igualmente D. Paio Corrêa que os fez depositar n'aquelle logar.

I. DE VILHENA BARBOSA.

**Milton.**

ESTUDO CRITICO POR MACAULAY.

1

Nos fins do anno de 1823 mr. Lemon, guardamór dos archivos, no decurso das suas investigações encontrou um grande manuscrito em latim. Juntamente com elle existiam copias das correspondencias estrangeiras de Milton no tempo em que exercia o cargo de secretario do protector, e varios papeis, tratando dos processos dos papistas e da conspiração de Rie-house. Tudo isto estava embrulhado n'um sobrescripto dirigido a mr. Skinner, mercador. Depois de o examinarem reconheceram-se que o manuscrito era «Os ensaios sobre as doutrinas do alto christianismo» obra que tanto se tem procurado, e que segundo affirmavam Wood e Tolland, Milton acabara depois da restauração, depositando-a nas mãos de Cyriac Skinner. E' bem sabido que Skinner seguia as mesmas opiniões politicas que o seu illustre amigo; é provavel por tanto como suppe mr. Lemon, que se tornasse suspeito ao governo durante a perseguição contra os Whigs, que se seguiu á dissolução da camara de Oxford, e que pela apprehensão geral dos seus papeis este manuscrito viesse ter á secretaria aonde agora apparece. Mas quaesquer que fossem as aventuras do manuscrito, não pode haver duvida de que é uma reliquia genuina do nosso grande poeta.

Mr. Sumner, que foi encarregado pelo governo de redigir e traduzir este tratado, desempenhou esta missão de uma maneira que honra o seu talento não menos que o seu caracter. Se a sua versão

não é elegante nem facil, distingue-se pela sua fidelidade e clareza. As suas notas estão cheias de citações interessantes que possuem o raro merito de elucidarem verdadeiramente o texto. A introdução é sem duvida obra de um homem sincero e intelligente com crença firme nas suas doutrinas religiosas e tolerante para com as contrarias.

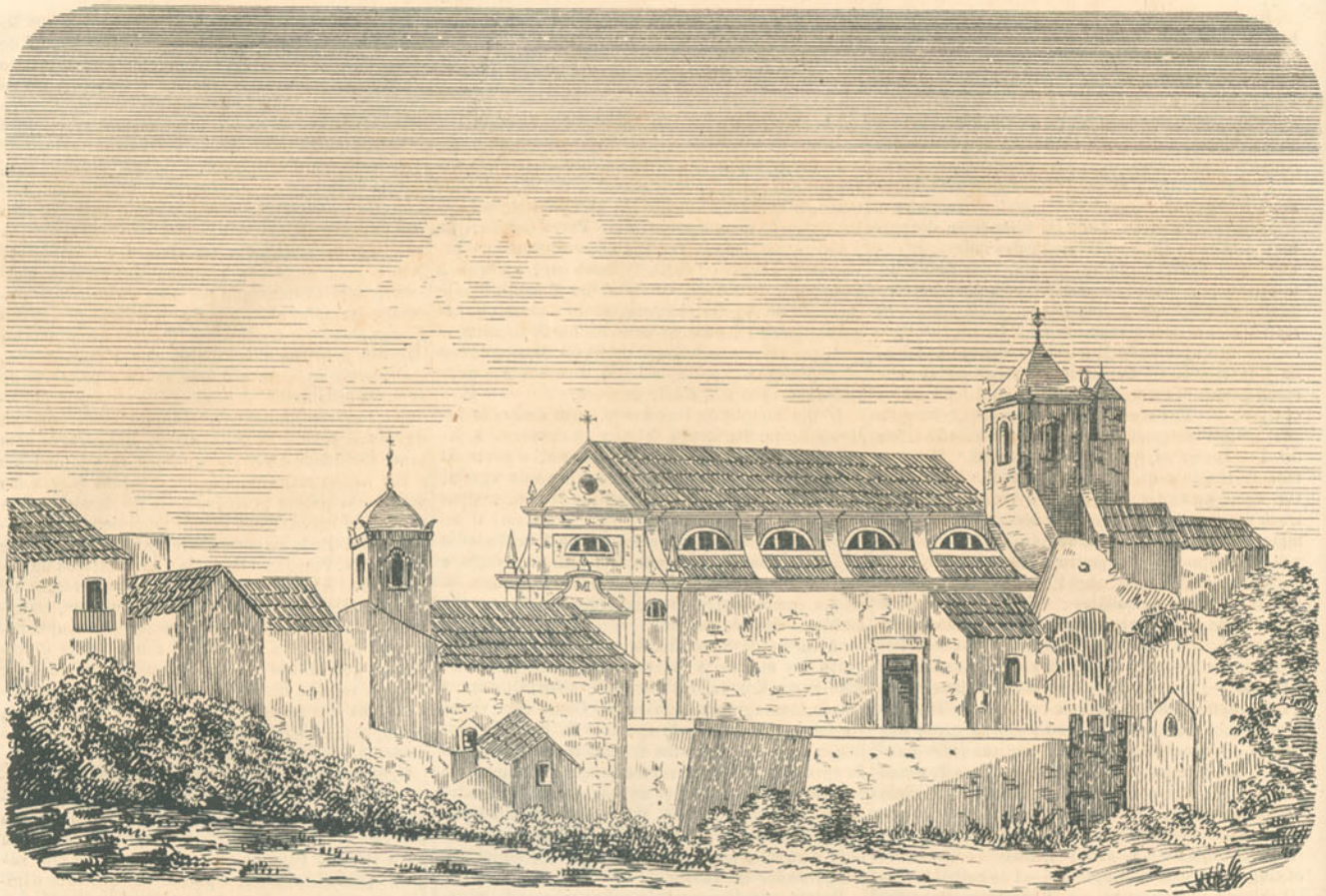
O livro, em si mesmo considerado, em nada contribue para exaltar ou deprimir a gloria de Milton. Esta certamente escripto como todas as suas composições latinas, ainda que pouco se assimilha aos ensaios premiados em Oxford e Cambridge. Não é uma esmerada imitação dos antigos classicos, nem se distingue por essa escrupulosa pureza, e exemplar nitidez que caracteriza a dicção dos nossos phariseus academicos. O autor não procurou dar-lhe o brilho e limado do estylo ciceroniano, e prefere o espirito e o bom senso a primores da sciencia pedantesca. A natureza do seu assumpto levou-o a usar de muitas palavras, que offenderiam sem duvida os ouvidos de Quintiliano. Mas escreve com tanta facilidade e franqueza, como se o latim fosse a sua lingua materna, e aonde é menos feliz, a sua deficiencia parece proceder mais do desalinho litterario de um indigena que da ignorancia de um estrangeiro. Pode dizer-se d'elle o que Denham disse de Cowley. Possui a elegancia e não os trajos da antiguidade. Abundam por todo o volume rasgos de uma intelligencia poderosa, e independente, emancipada da influencia de preconceitos, e empenhada em descobrir a verdade. E com a biblia unicamente que Milton procura formar a sua theoria, e a sua escolha de textos da escriptura é sem duvida uma das melhores que temos visô. Mas nem é sempre tão feliz nas conclusões que pretende fundamentar sobre esses textos.

Algumas das doutrinas herethodoxas que Milton reconhece parecem ter causado grande sensação, sobre tudo o seu arrianismo, e a sua theoria sobre a polygamia. Todavia custa-nos a crer que se possa ler o *Paraiso Perdido*, sem suspeitar que elle seguia aquellas opiniões, e parece-nos que todo o leitor que esteja ao facto da historia da sua vida, se não deve admirar muito de que se mostre favoravel á polygamia. As opiniões que Milton manifesta a respeito da natureza da Divindade, da eternidade da materia e da observação do domingo, poderiam causar um pasmo mais justificado.

Não nos pertence discutir estes assumptos. Por mais orthodoxo ou por mais heretico que fosse este tratado, elle não podia edificar nem corromper a actual geração. Os homens do nosso seculo não se convencem, nem se pervertem com volumes in 4.º Em breve espaço este ensaio seguirá o *Defensio Populi* para a poeira e o silencio da bibliotheca. O nome do seu autor, e as notaveis circumstancias da sua publicação conquistaram-lhe uma certa attenção. Durante um mez ou dois tornar-se-ha um assumpto de conversação em todos os salões, e occupará algumas columnas nos jornaes e revistas; e depois, para nos servirmos da elegante linguagem dos programmas de theatro, *deve ser retirado, para dar logar a novidades mais frescas.*

Desejamos todavia aproveitar o interesse transitorio que acompanha a descoberta d'esta obra. Os manhosos capuchinhos, antes de prégarem sobre a vida, ou sobre os milagres de qualquer santo, costumavam para mais excitarem a devoção dos seus ouvintes, mostrar-lhes uma reliquia do santo, um fio da sua roupa, uma madeixa de seu cabello, ou uma gotta de seu sangue. E segundo o mesmo systema que pretendemos tirar partido d'este valioso ensejo, e em quanto a memoria de um bom e grande homem está nas mãos de todos, vamos dizer alguma coisa das suas qualidades moraes e intellectuaes. E estamos certos que não podem censurar-nos os mais severos dos nossos leitores se n'esta occasião pomos de parte, por algum tempo, os assumptos da actualidade; vamos commemorar com veneração e amor o genio e as virtudes de João Milton, o poeta, o estadista, e o philosopho, a gloria das letras inglezas, o martyr e defensor da liberdade da sua terra.

E' pela sua poesia que Milton é mais conhecido, e é da sua poesia que em primeiro logar desejamos fallar. Pelo voto geral do mundo civilizado, a elle pertence um dos primeiros logares entre os grandes mestres d'aquelle arte. Contudo os seus de-



Igreja de S.ª Maria de Tavira, lado do nascente.



Igreja de S.ª Maria de Tavira, lado do poente.



Berlin.

tractores, ainda que em pequeno numero, não se teem condemnado ao silencio. Ha muitos criticos, e alguns de grande nomeada, que conseguiram na mesma phrase exaltar os poetas e deprimir o poeta. As suas obras, dizem elles, consideradas em si mesmo, podem ser classificadas no numero das mais grandiosas producções da intelligencia humana. Porém não podem elevar o autor ao nivel d'aquelles grandes homens, que vivendo na infancia da civilização tiveram de supprir com a sua propria substancia a falta de instrução; e que privados de quaisquer tradições, crearam esses maravilhosos modelos que a posteridade debalde se empenha em equalar. Milton, continuam os criticos, herdou o trabalho dos seus predecessores, existia n'uma epoca illustrada, e recebeu uma esmerada educação; devemos portanto, se quizermos apreciar imparcialmente os seus poderes intellectuaes, ter em consideração essas circumstancias que favoreceram o seu talento.

E' a nossa opinião, embora pareça um paradoxo, que muito pelo contrario nenhum poeta teve de lutar com circumstancias menos favoraveis. Elle mesmo confessa que nasceu n'um seculo demasiadamente civilisado, phrase que Johnson commenta a seu modo com observações bem pouco espirituosas. O poeta, segundo nos parece, entendia mais da indole da sua arte, que o critico. Elle sabia que a poesia nada poderia ganhar com a civilização, no meio da qual elle vivia, nem com os variados conhecimentos que enriqueciam o seu espirito, e contemplava com saudade aquellas epochas rudes, de linguagem mais singela, mas de impressões mais vivas e profundas.

Com os progressos da civilização, a poesia forçosamente declina. Consagramos a mais intima admiração áquellas grandes obras das primeiras eras, mas a epoca em que appareceram em nada augmenta este nosso sentimento; pelo contrario, cremos que a maior prova de genio, é um grande poema produzido em plena civilização, e custa-nos a comprehender como aquelles, que teem por artigo orthodoxo de fé litteraria suporem os primeiros poetas os melhores, se admirem da regra como de uma excepção. A uniformidade do phenomeno parece dever revelar uma causa correspondente, que o deva explicar.

O facto é que os observadores vulgares regulam pelo progresso das sciencias experimentaes, o das artes imitativas. O melhoramento das primeiras é sempre lento e gradual. Empregam-se seculos em colligir materiaes, e outros tantos seculos em os separar e combinar. E mesmo quando está formado um systema, sempre ha alguma coisa para lhe acrescentar ou alterar, ou mesmo para lhe supprir. Cada geração gosa do thesouro que lhe lega a antiguidade, e deixa esse thesouro augmentado por novas acquisições á geração seguinte. N'estes estudos os primeiros que meditam, luctam com maiores difficuldades, e ainda mesmo errando são dignos de todo o louvor. Os seus discipulos com muito menos intelligencia, cedo lhes passam adiante. Qualquer menina que tenha lido os dialogos sobre a economia politica de mr. Marcet, poderia dar lições de finanças a Montagne, ou a Walpole. Qualquer homem intelligente, applicando-se ao estudo de mathematica, saberá em poucos annos mais do que o grande Newton depois de meio seculo de estudo e meditação.

Não acontece o mesmo com a musica, a pintura, ou a esculptura, ainda menos com a poesia. As excellencias da civilização não offerecem a estas artes melhores objectos para imitar. Pode melhorar os instrumentos mechanicos necessarios ao musico, ao pintor, ou ao escultor; mas a linguagem, o instrumento do poeta está mais bem adaptado ao seu fim n'um estado menos perfeito. As nações, como os individuos, primeiro comprehendem, depois generalisam; caminham de imagens particulares a noções geraes. D'ahi segue-se que o vocabulario de uma sociedade illustrada é philosophico, em quanto o de um povo meio civilisado é sobretudo poetico.

Esta mudança na linguagem dos homens é em parte a causa, em parte o effeito de uma mudança correspondente nas suas operações intellectuaes: transformação na qual a sciencia ganha, e a poesia perde. A generalização é necessaria para o adiantamento da sciencia; mas é sobretudo indispensavel

para as concepções da imaginação. Os homens vão sabendo mais, e pensando menos; olham menos os individuos, e mais as classes. Fazem portanto melhores theorias, e piores poemas; dão-nos phrases vagas em vez de imagens, e sentimentos personificados em vez de homens. Podem melhor analysar a natureza humana do que os seus predecessores, mas a analyse não pertence ao poeta. Elle deve retratar, e não discutir. Poderá acreditar no senso moral como Shafesbury; poderá attribuir todas as acções humanas ao egoismo como Helvetius, ou não se dará ao trabalho de pensar sobre isto: a sua fé n'estes assumptos nada tem com sua poesia, como a opinião que um pintor possa formar sobre as glandulas lacrimaes, ou sobre a circulação do sangue em nada pode contribuir para nos reproduzir com sublimidade as lagrimas de uma Niobé, ou as côres de uma aurora.

Se Shakespeare escrevesse sobre os motivos que dirigem as acções humanas, é de crer que o fizesse com bom exito, mas não poderíamos d'antemão assegurar que fosse uma obra primorosa. Talvez não tivesse tanta logica como a que se pode encontrar na fabula das abelhas. Mas poderia Mandeville ter creado um lago? Apesar de elle saber bem classificar os elementos dos caracteres, poderia acaso combinal-os entre si de modo que creasse um homem, com vida propria, com existencia real, com uma perfeita individualidade?

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

### Berlin.

Antiga capital do eleitorado de Bradenburg, e hoje dos estados prussianos, sede do governo, Berlin está situada em um extenso areal sobre as margens do rio Spree, e dista duzentas e dez leguas nordeste de Paris, cento e vinte noroeste de Vienna, duzentas e dez este de Londres, trezentas sudoeste de Petersburgo.

A cidade é moderna; os limites que demarcavam as quatro que a rodeavam a saber: *Coloque, Friedrickwerder, Dorotheenstadt e Fredericstadt*, desappareceram completamente no começo d'este seculo, unindo-se todas sob um só magistrado e um só nome. Frederico II gastava annualmente no embelezamento da capital quatrocentos mil dollars; seus successores, tomando-lhe o exemplo, prodigalisaram-lhe a maior attenção, chegando ao estado em que hoje a vemos, magestosa e bella, e uma das mais formosas cidades da Europa. A 9 de Outubro de 1706 foi tomada por um exercito de russos, austriacos e saxonios, que espalharam a destruição por toda a parte, causando-lhe graves prejuizos. Em 1806 depois da batalha de Jena, foi entrada pelos francezes, que ahi persistiram algum tempo.

A construcção de Berlin é magnifica. Os arvores são vigorosos, especialmente nos suburbios; as ruas desafrontadas, limpas e calçadas com esmero; as principaes d'estas são: a de Frederico, que tem de comprimento quatro mil e duzentos pés e a Linden Strass. Estende-se esta ultima, que é um verdadeiro passeio, por espaço de uma milha, tendo de um e outro lado palacios e casas nobres, e terminando na porta de Bradenburg, onde existe a figura da Fama, puxada n'um carro por quatro cavallos: é obra prima de architectura. Conduz esta porta ao *Thier-garten*, ou parque da exhibição de animaes ferozes. O *Lust-Garten* ou o Jardim do Prazer em nada é inferior áquelle, tanto pela extensão como pela belleza.

Muitas e boas são as pontes que atravessam o Spree, a melhor das quaes é a de cantaria sobre sessenta arcos, e a *Langen Bruck*, do comprimento de cento e sessenta e cinco pés.

Attrahem a attenção do curioso os innumeraveis monumentos, dedicados a generaes e sabios prussianos; apontamos como os mais magnificos a estatua equestre de Frederico Guilherme, collocada no *Linden-Strass*, obra do celebre escultor Rauch; os bustos de seis heroes da guerra dos sete annos, levantados na praça de Guilherme; a estatua de Blucher na praça da opera. O monumento de *Kreutzberg*, mandado fazer por Frederico Guilherme III, á memoria dos heroes que pereceram na guerra de 1813 a 1815, consta de um pedestal com oito

figuras allegoricas, coroado por uma columna de sessenta e quatro pés d'altura: a estatua da *Victoria*, na praça de Belle-Alliance, assenta sobre uma columna de granito de vinte e dois pés d'alto, descansando esta n'um pedestal de marmore da Silezia de trinta e oito pés d'alto.

Possue Berlin templos notaveis, assim pela antiguidade, como pela magnificencia; tal é *Klosterkirche* cathedral dos calvinistas concluida em 1750; e muitos outros, que seria prolixo enumerar. Occupa o primeiro logar entre os edificios publicos, o castello ou palacio real, de quatrocentos e trinta pés de comprimento sobre duzentos e setenta de largo. O edificio é irregular, devido aos trabalhos feitos em diversas epochas; encerra grande quantidade de salas, sendo a mais bella — a branca, ornada primorosamente com as estatuas dos eleitores de Bradenburg. Afóra a livreria real, que contém duzentos mil volumes, augmentando-se-lhe o numero cada anno, é digna de admirar-se a galeria das pinturas, o gabinete d'antiquidades e medalhas, e o novo museu acabado em 1829.

Depois o hospital de Bethania, entregue ao cuidado de sessenta irmãs da caridade protestantes; a academia de Joachimsthal, a de Berlin, a de *Friedrickwerder* e a franceza. O hospital de Frederico, onde são educadas oitocentas creanças, gratis; o seminario dos cadetes pago pelo estado para educação de duzentos e vinte e quatro jovens nobres; o collegio militar; a opera; o theatro moderno; o palacio do principe Henrique, hoje universidade; o palacio do margrave *Von-Schwedt*; a pousada da caça, onde o rei descansava durante este exercicio; a moeda; a alfandega; o observatorio de Krosigke etc. etc.

Os suburbios de Berlin apresentam lindo aspecto: entre pittorescos bosques e verdes pomares, cobertos de fructa sazoadada, destacam bellas habitações, como os palacios Spandan, o de Mont Bijon e o hospital da caridade. Possuem algumas aguas mineraes muito concorridas e bastante efficazes para varias molestias.

A treze milhas de Berlin encontra-se a celebre *Sans-souci* contigua ao palacio de Potsdam, onde jazem os restos mortaes de Frederico o Grande.

As manufacturas de procellana rivalisam ou excedem as de toda a Europa. Em 1829 trabalhavam em Berlin dois mil teares de seda, occupando seis mil braços, sendo o valor do producto annual quatrocentas mil libras. A maior parte da industria fabril consta de algodão, linho, rendas, joias, relógios e varios outros objectos.

A população, que era de cento e oitenta mil almas, está hoje muito augmentada.

A guarnição de Berlin orça por vinte mil homens de todas as armas.

F. E. PAYANT.

### Contos populares da Irlanda.

I

A GARRAFA ENCANTADA.

Continuação.

Ainda bem não tinha acabado a oração, ouve a voz do anão, que lhe dirigia a seguinte pergunta:

— Onde vae com essa pressa, meu valentão?

— Ao mercado de Cork, respondeu o pobre do camponez com voz tremula.

— Para vender essa vacca?

— E' verdade: já que não tenho outro remedio!

— Queres tu vender-m'a?

Mick estremeceu, e ficou por alguns instantes sem atinar com uma resposta. Por um lado tinha receio de concluir um contracto com tão notavel e mysterioso personagem; por outro lado não se sentia com forças para se recusar a negociar com elle. Finalmente resolveu-se a dizer-lhe:

— E quanto me quer dar o senhor pela minha vacca?

— Eu te digo, replicou o anão tirando debaixo do capote uma garrafa, aqui está o que te dou.

O camponez olhou com espanto para a garrafa e para o anão, e em seguida, apesar do terror de que estava possuido, não pôde deixar de ir.

— Ri quanto quizeres, lhe disse o anão, mas olha que te affianço que esta garrafa vale mais, e pode ser-te muito útil do que todo o dinheiro, que tu possas achar em Cork.

— Então julga-me tão tolo, que quizesse trocar a minha bella vacca por essa garrafa vasia?

— Aceita a minha proposta, torno a repetir, e nunca te arrependers de o haver feito.

— Nunca me arrependerei! exclamou Mick meio abalado. E que dirá a minha mulher? E como hei de pagar a renda ao senhorio se não receber dinheiro pela minha vacca?

— Repito mais uma vez, que esta garrafa vale mais para ti do que dinheiro. Aceita a minha offerta, Mick Purcell, olha que o faço pela ultima vez.

— Como é que o senhor me conhece? exclamou o camponez cheio de espanto, ao ouvir pronunciar o seu nome.

— Não te importes com isso. Basta que saibas, que te conheço, e que porsaber que es homem honesto e honrado, é que pretendo socorrer-te. E além d'isso, tens tu a certeza de que a tua vacca não morrerá no caminho, antes de chegar a Cork?

— Deus me defenda de similhante desgraça, exclamou aterrado o pobre Mick.

— Ainda quando tal não succeda, estás bem seguro de a venderes por bom preço em um mercado tão abastecido de gado de todo o genero? E mesmo se conseguires fazer um grande negocio, não podem os ladrões roubar-te na volta para casa? Mas para que heide estar a perder o meu tempo, se rejeitas com tanta pertinacia a tua felicidade.

— Não, espere aqui; eu de nenhum modo quero rejeitar a minha felicidade. Se tivesse a certeza de que a sua garrafa é tão preciosa como diz, posto que não tenho em estimação as garrafas vasia, daria por ella a minha vacca.

— Tudo que tenho dito é a pura verdade. Ahi tens a garrafa; guarda-a bem, e assim que entrares na tua choupana, faze o que te vou ensinar... Ah! ainda hesitas? Pois bem, adeus. Se tivesses accedido, em breve serias rico: assim serás pobre toda a tua vida. Verás teus filhos desfallecer na miseria, e tua mulher morrer á mingua. Mas isto pouco te importa, não é assim, Mick Purcell?

— Está bem, quero acreditar tudo isso, que me tem dito, exclamou Mick, fazendo um grande esforço para vencer a sua hesitação. Ahi tem a minha vacca, e se acaso me engana, permita Deus que a maldição dos que lançou na miseria caia sobre a sua cabeça!

— Pouco se me dá da tua maldição, ou da tua benção. Descansa, que não te enganei, e ainda esta tarde terás a prova, se quizeres seguir as minhas instruções.

— Estou por tudo, falle; disse Mick, deitando sobre a sua vacquinha um olhar de dôr e affeição.

— Quando entrares em tua casa, debes conservar-te tranquillo por mais que tua mulher se encolerise. Manda-lhe varrer muito bem a casa, e depois collocarás no meio do aposento uma mesa, que cobrirás com uma toalha lavada. Feito isto põe a garrafa no chão, e pronuncia estas palavras: *Garrafa faze o teu dever.* E verás o que acontece.

— E mais nada? perguntou Mick com gesto inquieto e afflicto.

— Mais nada, respondeu o anão. Adeus, Mick Purcell. Agora já estás rico.

— Deus o queira, replicou o camponez, tomando o caminho da sua casa.

O anão desapareceu n'um abrir e fechar d'olhos, levando a vacca consigo. E Mick, apertando a garrafa contra o peito, com medo de que também desaparecesse, caminhou desassocegado e triste para a sua choupana.

Apenas a mulher o avistou, poz-se logo a gritar: — Que quer isto dizer, Mick, já estas de volta, quando mal terias tempo de chegar agora a Cork! Falla, em nome do ceo, o que foi que te aconteceu? Onde está a vacca? Vendeste-a? Quanto te deram por ella? O que ha de novo na cidade? Anda, conta-me a tua jornada.

— Mas como queres que responda a tantas perguntas juntas? disse Mick sem saber por onde havia de comegar a historia, que tanto receiava contar. Perguntas-me onde está a vacca; e eu, para falar a verdade, digo-te que não sei.

— Bem; é porque a vendeste. E que dinheiro trazes?

— Tem paciencia, Molly, tem um bocadinho de paciencia; e tudo saberás.

— Ora espera! Para que trazes cá essa garrafa, que ahi te vejo debaixo da vestia?

— Tem paciencia, e tranquilla-te se podes, minha querida Molly; que eu vou já satisfazer-te, visto que estás tão ansiosa por saber tudo. Esta garrafa foi o preço da nossa vacca, foi tudo quanto por ella me deram.

— Que dizes! exclamou Molly assombrada como se a ferira um raio. A Virgem Santissima tenha compaixão de nós! Nunca suppuz, que fosses capaz de fazer uma similhante loucura. O que hade ser de nós! Como havemos agora de pagar a renda d'esta casa, e d'esse campo?... Como?...

— Então, socega, minha cara Molly, não seas desarrazoada. Ouve primeiro toda a minha historia. Quando eu chegava ao pé da collina de Mourne, encontrei um velhinho, que não sei d'onde vinha, nem para onde ia, mas taes coisas me disse, que me convenceram, e lhe dei a vacca por esta garrafa...

— E tu acreditaste no que elle te disse? bradou Molly cheia de colera, e deitando a mão á garrafa com proposito de a quebrar.

Mick, lembrando-se das recommendações do anão, não se alterou, mas apressou-se a evitar que sua mulher satisfizesse a raiva na garrafa, e procurou tirar-lh'a com brandura.

Molly desabafou então em lagrimas a sua dôr; porem assim que seu marido acabou de lhe contar miudamente toda a historia do encontro com o anão, pouco a pouco se foi acalmado a sua desesperação, por quanto a boa mulher acreditava do fundo d'alma nos contos de fadas e encantamentos.

Sem proferir pois mais palavra, apenas o marido concluiu a narração, levantou-se da cadeira em que se deixara cair no acceso da sua afflicção, poz-se immediatamente a varrer a casa, depois do que trouxepara o meio d'ella a sua mesa, e cobriu-a com a melhor e mais alva toalha, que encontrou na arca. Em seguida Mick collocou a garrafa no chão, e pronuncia as palavras: *Garrafa, faze o teu dever.*

— Olhe, mamã! gritou immediatamente uma das creanças, apontando para a garrafa, e correndo assustada para junto da mãe.

Com effeito a garrafa estava fazendo o seu dever. Dois pequenos genios, de formas esbeltas, movendo ligeiramente suas azas diaphanas, acabavam de sair do estreito gargalo da garrafa, conduzindo á cabeça, e depositando sobre a mesa talheres e pratos de ouro e prata, peças d'assado e outros manjares. Feito isto, desappareceram, recolhendo-se á garrafa.

Mick e sua mulher, pasmados e maravilhados, não se atreviam a mover-se do logar, d'onde presenciam-tão estranha scena. Nunca tinham visto em sua vida, nem esperavam ver um luxo como aquelle, coisas tão ricas, e de tão finos lavores. Finalmente, passada a primeira surpresa, já mais senhores de si chegaram-se para a mesa, sentaram-se em volta d'ella juntamente com as tres creanças, e pozeram-se a comer como desesperados. Porém, apesar do seu excellent appetite, que ainda era mais excitado pelos delicados e saborosos manjares, que pela primeira vez se apresentavam diante d'elles, apesar d'isso apenas consumiram uma insignificant porção das iguarias, que cobriam a mesa.

— Ah! meu caro Mick! exclamou Molly cheia de indizivel satisfação. Aquelle honrado velho não te enganou: estás rico, não ha duvida!

No dia seguinte foi Mick vender á cidade os pratos e talheres de ouro e prata; pagou todas as suas dividas; comprou um carro e dois cavallos; e refez-se de bom provimento de roupas e comestiveis.

No miseravel albergue do camponez operou-se por consequente uma transformação completa. Reinava ahi a abundancia, e até o conforto.

Os vizinhos estavam admirados de ver tanta fartura e commodidades em uma casa, onde pouco antes tudo era miseria e privações. Dava-lhes que scismar esta mudança, porem por mais que cogitavam não podiam atinar com a causa de tão subita fortuna.

Um d'elles, mais cubicoso e mais esperto, de taes artes usou, que não só levou o simplo camponez a declarar o seu segredo, mas até a vender-lhe a garrafa maravilhosa a troco de uma boa casa e de

um vasto campo. Mick caiu no logro seduzido pela idea de ter uma bella residencia, e mais extensa lavoeira, e porque, sendo naturalmente modesto e parco, e vendo-se senhor de um avultado pecunio, julgou que tinha de sobejo quanto era mister para assegurar a sua felicidade, e a de sua familia.

Não se lembrou porém o pobre Mick da má estrella, que sempre o perseguira até ao momento de se encontrar com o anão. Assim confiado no futuro, foi-se instalar na sua nova habitação; mas desde logo começou a desandar-lhe a roda da fortuna. Não houve calamidade, que deixasse de lhe sobrevir, de modo que, de desgraça em desgraça, exhaustos todos os recursos provenientes da garrafa encantada, eis o infeliz Mick outra vez a caminho de Cork para ahi vender a sua ultima vacca.

Ao passar junto da collina, onde encontrara o anão, lembrou-se com saudade e pezar d'esse acontecimento, o unico feliz da sua amargurada vida. Dando pois um profundo suspiro, balbuciou com accento de verdadeira afflicção:

— Ah! meu rico S. Patricio, quem me dera ver agora aqui aquelle honrado homem, que me acudia com um tão grande socorro!

Apenas acabava de proferir estas palavras, apparece d'improviso o anão.

— Então, Mick Purcell, não te disse que ias ser rico?

— Ah! meu senhor! Não ha duvida que fui rico, respondeu Mick baixando os olhos; mas por minha desgraça tambem é verdade que já o não sou. Se quizesse fazer outro igual contracto comigo... dava-lhe esta vacca por outra garrafa como a primeira... Olhe, estou tão necessitado!...

— Pois bem, vá lá. Ahi tens outra garrafa. Já sabes o que hade fazer. Adeus.

— Obrigado! obrigado! bradou Mick no maior excesso de alegria, pensando já nas bellas peças de ouro e prata, que em breve ia possuir.

— Adeus para sempre, lhe disse o anão. Agora não contes tornar-me a ver. E desapareceu instantaneamente.

— Adeus, meu bom e caro senhor! Heide ser-lhe grato em quanto viver. E para memoria da sua generosidade e da minha ventura, darei a esta collina o nome de *collina da garrafa.*

E saltando de contente deitou a correr para casa. Continua. I. DE VILHENA BARBOSA.

## Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

Continuação.

XIV

E' de tal modo complicado o enredo d'este grande drama da vida, que nunca sabemos, obedecendo ao impulso de um sentimento nobre, se d'ahi não resultará um mal a algum dos nossos amigos!

A febre continuava. Eduardo sentia-se enfraquecer de mez para mez: a differença das estações causava-lhe grandes padecimentos. O verão ia findar: as arvores despiam-se; o vento sacudindo-as levava-lhes as folhas, como a desgraça as lagrimas de Eduardo, que, sentado á mesa, trabalhava sempre. Tudo mudava á roda d'elle, e elle conservava-se sempre o mesmo no meio das alterações accidentaes ou regulares do tempo, e das pessoas. Dir-se-hia que a natureza o esquecerá, ali, n'aquelle recanto obscuro onde nem já um outro amigo o procurava.

De repente annunciam-lhe uma visita: Eduardo julgou que seria soror Sophia, a cuja caridade tinha recorrido para salvar Luiza. Enganou-se. A irmã de caridade que lhe annunciaram era a propria Luiza.

Se não temessemos empregar uma tinta falsa, tentariamos a descripção das commoções que agitariam Eduardo ao ver diante de si aquella mulher, quasi resuscitada, sob o humilde habito de irmã da caridade.

— Só assim viria procurar-te. Disse Luiza entrando, e lançando a Eduardo um olhar onde brilhava a luz da fé, acompanhando-o com o sorriso expressivo de uma esperança realisada. — Ha em

ti sofrimento: em mim não falta o espirito da caridade evangelica. Tem fé, como eu tive; as tuas esperanças hão de ser realizadas!

—Que queres dizer, Luiza? murmurou Eduardo.

—Quero dizer que venho consolar-te porque soffres; trazer-te a fé porque desanimas! Aqui onde todos te esqueceram...

—Perdão, Luiza; a culpa é minha, porque não tenho bastante intelligencia, bastante força para me inscrever na lista d'aquelles que o mundo não esquece. Não crimines ninguém. O mundo é como é. Se ha culpa, repito, é minha só. Illudi-me até muito tarde... Estou no caso de um homem que dormisse até às duas horas da tarde, e ás tres perguntasse ainda pelo meio dia! A mocidade passei-a sonhando: accordo quasi aos trinta annos, e em vão pergunto por mim a mim mesmo, que não sei responder! A manhã da existencia já lá vai! resta-me a tarde, para salvar a noite; e se a tarde não basta, tenho ainda a noite para salvar a ultima hora da minha existencia! Não sube viver; mas ao menos saberei morrer; juro-o!

—Para que fallas na morte, Eduardo, se pelo pensamento não podes fazer com que um só cabelo teu seja branco antes de tempo? Renegas da vida n'esse esmorecer fatal que as tuas palavras me revelam! Onde está pois a força da tua intelligencia, a energia da tua vontade, a tua fé, a tua religião? Viste-me n'aquelle deploravel estado; mulher sem respeito, entregue á discrição de um fatuo que me assassinava pouco a pouco julgando ser meu herdeiro: doente, quasi ás portas do tumulo, que esforço fiz para fechar com o pé aquellas lages que já pareciam congelar-me? para voltar á vida, e adquirir os respeitoes que a minha existencia licenciosa me roubara? para varrer do pensamento esse terrivel passado cuja lembrança me pungia? Foi um esforço da minha intelligencia! Entendi que tinha obrigação de ser util n'esta vida aos meus semelhantes; que devia á minha alma uma reparação brilhante, e dei-lh'a na fé com que professei estes sentimentos de humilde caridade, que hoje reproduzem no meu peito a acção benéfica do balsamo derramado sobre uma chaga viva! Quanto mais tu que estás moço, és homem, e tens um futuro, um immenso horizonte diante de ti!... Levanta-te e caminha com fé, que hasde chegar! O que ha na tua vida que te desanime? O amor mal correspondido? *A mulher varia como as ondas.* Maria hade amar-te... hade amar-te muito! Já que não te animas á minha voz, revive pelo amor d'essa mulher!

—De Maria? Dizes que Maria hade amar-me? tu, Luiza? Vens aqui para te vingar!

E Eduardo escondeu o rosto entre as mãos.

—Eu, Eduardo, vingar-me de ti?... Louco! Reconheces porventura na triste irmã de caridade a corteza de outr'ora? Já te apertei essa mão, que sobre a minha fronte me parecia outr'ora o diadema supremo da felicidade? Já busquei a luz d'esses teus olhos, que d'antes espalhava o dia sobre mim, e sobre quanto me cercava? Já aproximei os meus dos teus labios?... Eduardo, se eu viesse aqui para me vingar, teria já feito isso tudo mil vezes, porque o ciúme é a prova mais evidente de um amor louco e insaciavel!... Não creias o teu pensamento que te está illudindo! Quando te disse que Maria de Castro hade amar-te, foi porque adivinhei—suppõe—a causa do seu apparente desamor. Este casamento contraria a vontade de sua mãe, e contraria-a porque tu és pobre. Finda a tua pobreza, esta fatal pobreza para que não devias ter nascido, alma grande e generosa, os teus desejos hão de realizar-se: Maria será tua!

—Fazes um castello no ar! murmurou Eduardo.

—Não, Eduardo, meu irmão, se permittes que te dê tal nome—este habito faz-nos irmãs de todos—não é um castello no ar. A felicidade de que hoje gozo, possuida de verdadeiros sentimentos evangelicos; expiando as minhas faltas no sacrificio ingente do meu amor, que me prezo de ter cumprido; remindo-me, pelos meus actos de caridade christã, das culpas dos meus dias passados; esta felicidade, Eduardo, é obra tua!

—Minha?

—Escuta. Lançaste-me um dia no ouvido algumas palavras—não te recordas?—que immediatamente fixaram a epoca do meu arrependimento.

Por cada um dos objectos que d'antes me cercavam, preço da minha deshonra, da minha infamia, quero agora ver um acto de piedade, de amor, e de verdadeira religião que demonstre bem o imperio da virtude no meu coração. Quem tanto duvidou de todos acostumou-se tambem a duvidar de si. Quero, pois, preciso que tudo para que eu olhar me diga—és virtuosa; que tudo que eu interrogar me responda—estás arrependida. Heide muitas vezes, antes de partir para onde o meu novo destino me leva, olhar para ti, e interrogar-te. Para que me falles e me respondas como desejo, é preciso que eu te veja feliz, muito feliz... aliás não te acreditaria. Permite-me, pois, que em recompensa da felicidade que tambem te devo, e para complemento d'ella, deponha nas tuas mãos metade d'essa fortuna por mim tão mal adquirida, e que hade ser por ti tão bem aproveitada a favor da indigencia!

E Luiza depoz nas frias e tremulas mãos de Eduardo um rolo de papel lacrado.

—Oh! perdão, Luiza... perdão... Murmurou elle querendo levantar-se.

—Em nome de Maria recebe, já que não queres aceitar pelo teu amor proprio!

—Luiza, respondeu energicamente Eduardo: quando eu fosse depositar aos pés de Maria uma fortuna para *compral-a* ao escrupulo de sua mãe, seria preciso que semelhante fortuna tivesse sido ganha á custa do meu trabalho e do meu suor, ou devida á vontade immediata da sorte. D'esse modo teria eu orgulho em imaginar que comprava essa mulher aos prejuizos da sua familia, porque era bello e grande o prestigio da minha fortuna aos olhos d'ella e do mundo! Mas uma fortuna adquirida como esta que me offereces, consistindo no preço das tuas noites perdidas, dos teus dias de lagrimas e de vexações, se não é o resultado do latrocínio e da especulação dos teus banqueiros, Luiza—que triste lembrança!—será porventura digna de escudar um sentimento tão nobre como o meu; de servir de base á felicidade que sonhei ao lado de Maria?... nunca! nunca! Perdoa a minha franqueza; que a irmã de caridade, que vejo aqui, pode ouvir, sem tremer, fallar da corteza que não tem nada de commum com ella. Esta fortuna, minha irmã, reparte-a com os pobres.

—Não tens um pobre a quem a dês, ao menos pela tua mão? Perguntou Luiza sem pestanejar, com toda a tranquillidade possivel do seu novo papel.

—Tenho, sim, tenho. Bem vês que não sou tão mau como pareço: recusei-a n'um sentidio... aceitei-a n'outro.

E pegando no rolo de papel, aproximou-se da mesa, e escreveu: Presente de núpcias. Dote de Elisa d'Almeida.

—E tu, Eduardo, que farás agora? Perguntou Luiza, commovida.

—Eu? Respondeu elle caindo na cadeira e apontando para os manuscritos que estavam sobre a mesa ao seu lado. —Vou trabalhar!

A energia com que articulou esta palavra succedeu immediatamente o deliquio. A penna caiu-lhe da mão, e a cabeça pendeu-lhe sobre o peito. Luiza pensou que o veria expirar. Chamou o criado, mandou-o procurar um cirurgião, e empregou todos os recursos possiveis para o reanimar. Mal sabia ella que Eduardo tornava a si para, no auge do seu terrivel delirio, despedil-a com indignação! Era um quadro lastimoso! Eduardo, fortalecido pela febre, com as faces rubras, o olhar encendido, indicava a porta a essa mulher pallida e formosa, que se arrastava a seus pés, cobrindo-lhe de lagrimas as mãos tremulas e ardentes. *Era o furor despedindo a caridade.*

Eduardo só deixou de a repellir quando, exaustito, caiu de repente sobre o leito.

Continua.

ALFREDO HOGAN.

#### Se quizesse...

Que m'importa, que importa que a sorte  
Te quizesse tão alto elevar,  
Que por mais que o meu peito suspire  
Eu não possa a teu solio chegar?  
Saciari meus ardentes desejos,  
Este fogo de amor acalmar?

Que m'importa? Se eu quero adorar-te  
Mesmo a troco do meu padecer?  
Mesmo após a esperança perdida  
De poder-te algum dia dizer:  
Tu és minha, donzella, só minha!  
Acabou-se na terra o soffrer!?

E não venham dizer-me que é crime  
Desejar o que ao goso vedado  
Foi do pobre, por um preconceito  
No inferno talvez formulado,  
Que antepondo-se aos votos do triste,  
De continuo lhe estrage n'um brado:

Vae nos seios do nada asyalar-te,  
Vae nas trevas da noite viver,  
Vae chorar o teu negro destino,  
Vae no pó, na miseria morrer;  
Pois que o pobre a ventura não deve  
Sobre a terra jámais pretender!

Oh! não venham, não venham dizer-me  
Estas coisas que o peito laceram;  
São crueis todos esses que pensam  
D'esta forma! Que as leis destemperam  
Da natura, com futeis caprichos,  
Com vaidades que os ceos não toleram!

Porventura serei eu culpado  
De não ter uma sorte brilhante?  
De não ter esses bens da fortuna,  
Que de mim te collocam distante;  
Pra gosar em teu seio formoso  
Doces mimos—amor delirante?

Oh! de certo não sou! E bem sabes,  
Que inda mesmo apezar do destino,  
Da vaidade e caprichos dos homens,  
Posso amar-te sem ser desatino;  
Pois o Eterno que o amem não veda  
Nem ao verme inda o mais pequenino.

Se, porém, este amor abraçado  
Aqui tem de morrer em meu peito  
Sem ao menos provar da ventura,  
Uma vez, o seu magico effeito;  
Tu sómente serás a culpada;  
Não os homens com seu preconceito!

Pois qu'importam vaidades do mundo  
A quem sente deveras amor?  
Se o tu sentes por mim, que te custa  
Essa immensa distancia transpor,  
Que entre nós bem fatal o destino  
Por acinte e maldade quiz pôr?

Nas amenas manhãs, não tens visto,  
Quando assoma, entre nuvens, o sol,  
Uma flor recatada e modesta,  
O formoso, loução gyrasol,  
Inclinar-se, adorar na humidade  
Lá do ceo esse immenso pharol?

E tu pensas que os votos não podem  
De uma pobre, humilissima flor,  
Ser ouvidos lá n'essas alturas  
D'onde parte do sol o fulgor?  
Pois enganas-te, Augusta deidade...  
Ouve o sol os seus rogos de amor.

Mas apenas desponta na terra,  
Com seus raios a vem festejar!  
Que se ao ceo não pode ella elevar-se,  
Pode o sol os seus raios baixar,  
E o amor que a florinha lhe offerta  
Entre mimos e afagos levar.

Assim, pois, minha bella, se um dia  
Tu baixasses lá d'essas alturas,  
Onde em vão por chegar eu me canso,  
Aumentando sómente amarguras,  
E quizesse a mão delicada  
Offertar-me—que doces venturas!

Maranhão.

J. R. D. OLIVEIRA SANTOS.